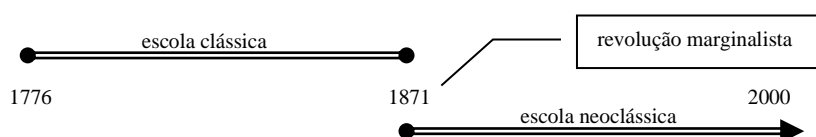


As Escolas de Pensamento Econômico

Historicamente o conhecimento científico não progride de forma cumulativa. Diversas teorias convivem e eventualmente sobrepujam suas rivais, que por sua vez possivelmente retornam de forma modificada algum tempo depois, desafiando as bases da teoria previamente dominante. Em particular, a história da ciência econômica apresenta um desfile rico de escolas de pensamento que se sucedem no tempo.

Cada teoria ou tradição de pesquisa parte da colocação de um conjunto próprio de problemas que pretende resolver. Em economia, podemos distinguir duas grandes correntes de pensamento definidas dessa forma: a chamada escola clássica, que se inicia com a publicação da *Riqueza das Nações* de Adam Smith em 1776 até a Revolução Marginalista de 1871, que entronou a escola neoclássica, que por sua vez se estende dessa data até os dias de hoje:



Quais são os problemas que definem essas duas grandes escolas de pensamento? A escola clássica, de Smith a Marx, passando por Ricardo, se ocupa com o que se chama de *plutologia* ou estudo da riqueza. Smith investigava a causa da riqueza das nações: por que a Inglaterra e a Europa largamente superou o padrão de vida das outras culturas? Ricardo e Marx se preocupavam com a distribuição dessa riqueza entre classes de pessoas, como proprietários de terra, trabalhadores e capitalistas. Para esses autores, aplica-se a metáfora do bolo: dada uma quantidade de riqueza, como se dá a repartição dos pedaços entre as pessoas?

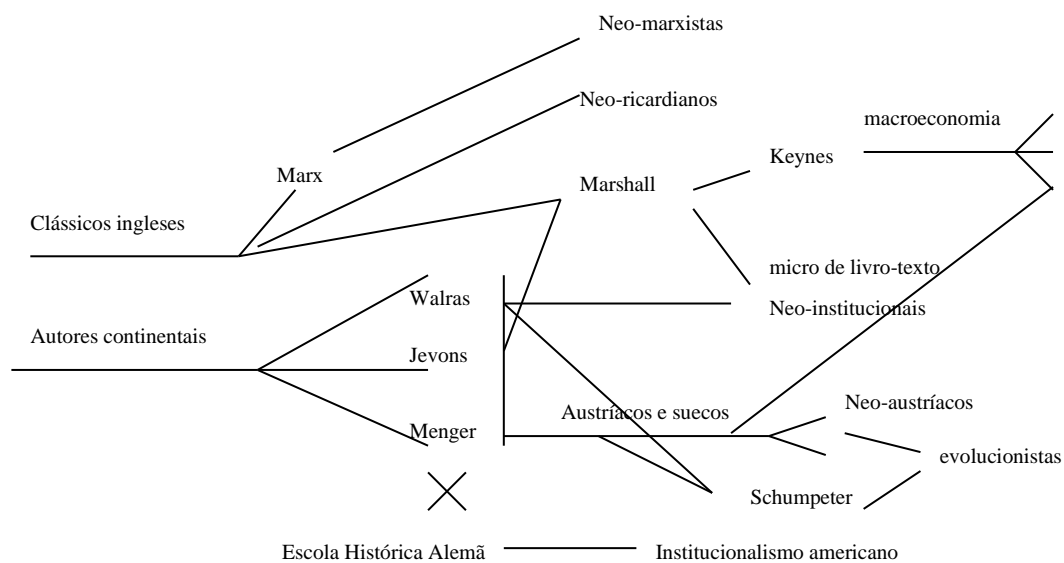
A escola neoclássica, no entanto, coloca outro tipo de problema no centro da atenção dos economistas. A economia não seria fundamentalmente a ciência da riqueza, mas a ciência da ação humana. Quando os homens têm necessidades e os recursos usados para satisfazê-las são escassos, de modo que apenas um conjunto das necessidades pode ser atendido de uma vez, surge o problema da escolha de como alocar os recursos escassos aos fins alternativos mais importantes. A economia se ocupa do estudo da lógica dessa escolha. Como observou o mesmo Smith da escola clássica, os homens atingem melhor seus objetivos através da cooperação. A cooperação pressupõe troca. A economia, segundo a escola neoclássica, estuda a ação humana de através da troca nos mercados. Dessa maneira, a economia seria o estudo das trocas, ou *catalaxia*, em contraste com o foco plutológico da escola clássica.

	Escola Clássica	Escola Neoclássica
Característica fundamental	Plutologia (riqueza)	Catalaxia (trocas)
foco na	Produção (meio)	Consumo (fim)
Problema principal	geração e distribuição de riqueza	alocação de recursos escassos a fins alternativos
Teoria do valor	objetiva	subjativa
Causa do valor	custos de produção, trabalho	utilidade marginal
Autores principais	Smith, Ricardo, Marx	Menger, Walras, Jevons

Além do conjunto primário de problemas tratados, as duas tradições diferem segundo a teoria do valor adotada por cada uma delas. Um mesmo problema será atacado pelas escolas com um conjunto de explicações teóricas próprias, diferentes entre si. Mais especificamente, a explicação da causa do valor (preço) dos bens são diferentes. Enquanto que para os clássicos o valor dos bens é dado pelo custo de

produção, em geral a quantidade de trabalho necessária para a produção de tais bens, para os neoclássicos o valor de uma unidade de um bem específico é dado pela sua utilidade para atender às necessidades das pessoas. Repare como a causa do valor se relaciona com o problema fundamental aludido anteriormente: riqueza ou realização de necessidades. A primeira é uma teoria *objetiva* do valor, ou seja, o valor dos bens é uma propriedade inerente aos mesmos: a quantidade de trabalho necessária para a sua produção. Já a segunda teoria é uma teoria *subjetiva* do valor: o valor de cada bem depende de como cada pessoa avalia a utilidade do mesmo. Veremos nessa apostila como em 1971, na chamada *Revolução Marginalista*, Menger, Walras e Jevons resolvem os problemas inerentes a primeira teoria, substituindo-a pela segunda, modificando a maneira como se faz ciência econômica desde então.

Além dessa diferença fundamental entre essas duas escolas, poderíamos definir de forma mais ou menos arbitrária uma infinidade de “escolas de pensamento”, definidas segundo outros conjuntos de problemas e características. Na verdade, a diversidade de correntes de pensamento econômico é assombrosa. Na figura abaixo procuramos dar uma noção de como poderíamos mapear essas correntes desde os clássicos até hoje.



Cada escola citada no esquema tem suas próprias subdivisões. Deve-se salientar, porém, que outros analistas subdividiriam os autores de forma diversa, baseando-se em outros critérios.

A lição importante que se deve extrair desse esquema é notar que o conhecimento econômico é composto de um conjunto rico de teorias parcialmente *rivals* e parcialmente complementares, e a formação de um bom cientista em economia envolve conhecer as críticas que cada escola rival tem a oferecer a sua própria teoria predileta, de forma a enriquecer a compreensão que o economista tem do problema sobre o qual se debruça. Um economista conhecedor de apenas uma teoria tende a ser dogmático, com o horizonte limitado apenas pelas noções limitadas do seu próprio esquema teórico, o que limita a capacidade de aprender sobre o funcionamento da realidade, que, afinal, é o próprio objetivo da ciência, como vimos anteriormente. O conhecimento das diversas correntes de pensamento enriquecerá a sua cultura econômica, que é pré-requisito para as maiores qualidades de um estudioso: senso crítico e independência intelectual.

Nas páginas que se seguem procuraremos revelar uma pequena porção dessa rica fonte de conhecimento, na esperança de estimulá-lo a continuar, através da leitura dos grandes economistas, a fascinante exploração de idéias que compõem a trajetória intelectual de cada pessoa.